

O Castro de Carvalhelhos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Ao Senhor Eng.º Gomes da Silva,
ilustre Director-Geral dos Edifícios
e Monumentos Nacionais, em home-
nagem às suas notáveis qualidades
de organizador.

O. D. C.

Carvalhelhos é uma aldeia barrosã que faz parte da freguesia de Beça, concelho de Boticas; assenta na vertente leste da Serra das Alturas de Barroso, a cerca de 800 m de altitude; fica a 27 km de Chaves, para sudoeste.

A uns 400 a 500 m da aldeia ficam as Caldas Santas de Carvalhelhos, cujas águas, justamente afamadas, são bem conhecidas pelas suas notáveis qualidades terapêuticas.

Na estância termal de Carvalhelhos fiz, em 1950, uma estadia de duas semanas.

Um domingo, descia a pé o caminho que vem de Lavradas para Carvalhelhos, olhei à esquerda e vi, um pouco abaixo, num cabeço sobranceiro à estância, um alinhamento de pedraria que me pareceu muralha «esbarrulhada».

Fui ver aquilo de perto.

A primeira impressão confirmou-se. Tratava-se dum castro com a muralha quase toda derrubada e com seus fossos defensivos ainda bem patentes.

Em visitas ulteriores encontrei restos dum ouriçado de pedras espetadas na terra que constituem mais uma linha de defesa, a qual, muito provavelmente, devia ter existido pelo menos a todo o comprimento do primeiro fosso ou fosso exterior.

Conhecia este reforço defensivo de pedras fincadas em alguns castros do leste trasmontano, nos concelhos de Mogadouro e de Miranda do Douro. A existência dum tal ouriçado de pedras conferia ao castro um certo interesse. Quando mais não fosse pela sua situação, tanto a ocidente dos castros do leste de Trás-os-Montes, onde tinha visto este reforço defensivo.

Resolvi fazer pesquisas sumárias de exploração no recinto castrejo onde me pareceu existirem casas circulares.

O meu desejo foi satisfeito graças à colaboração logo prestada pelo Sr. D. Francisco Gonzalez, director da Empresa das Águas de Carvalhelhos que, prontamente, cedeu ferramentas e algum pessoal.

O inteligente interesse que o Sr. D. Francisco Gonzalez manifestou pelas ruínas do castro foi, digamos, *primum movens* de todos os trabalhos que se seguiram.

No ano de 1951 fizeram-se as primeiras escavações, na semana de 24 a 29 de Setembro, quase sempre com 7 homens e 5 mulheres. As despesas com o pessoal foram feitas pela Empresa das Águas de Carvalhelhos, que merece justos encómios pelo acordo na valorização do velho monumento arqueológico sobranceiro à sua fonte termal.

Nesse mesmo ano de 1951 tivemos a satisfação de ver o castro classificado como «imóvel de interesse público». (Decreto n.º 38.941 de 6 de Novembro de 1951).

Seguiram-se outras campanhas de escavação feitas com pessoal pago pela Empresa e com pequenas verbas concedidas pelo Sr. Prof. Doutor Mendes Corrêa, Presidente do Centro de Estu-

dos de Etnologia Peninsular e Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

Este ano, de 1957, graças a um subsídio atribuído pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas) puderam fazer-se alguns trabalhos de certo vulto na reposição das pedras caídas na base das muralhas, trabalhos que muito valorizaram este pequenino mas muito interessante castro.

Dada a sua situação, apenas a uns 500 m da estância termal, e a facilidade de acesso, o castro é visitado, em cada ano, por uns centos de aquistas que frequentam aquela estância crenoterápica barrosã.

Portanto, a par do seu interesse puramente arqueológico, o castro tem, igualmente, um relativo interesse turístico: será tanto mais educativo quanto mais visitado for.

A suas Excelências os Senhores Eng.º Arantes e Oliveira, ilustre Ministro das Obras Públicas, e Eng.º Gomes da Silva, ilustre Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, não quero deixar de, neste momento, testemunhar o meu agradecimento pela concessão da verba que permitiu dar um grande impulso aos trabalhos de reposição do *Castro* na sua feição primitiva.

A concessão do subsídio pelo Ministério das Obras Públicas é mais uma prova, a juntar a tantas outras, da inteligente preocupação do Governo na valorização do nosso património histórico e artístico (1).

(1) A Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais há já alguns anos que tem concedido verbas para explorações arqueológicas no norte de Portugal, nas citânias de Briteiros (Guimarães e na de Sanfins) (Paços de Ferreira), explorações dirigidas pelos distintos arqueólogos Coronel Mário Cardoso e Tenente-Coronel Afonso do Paço.

*

* *

Os castros são conhecidos por muitos nomes vulgares (1). *Castro*, *crasto* ou *castelo dos mouros* são, seguramente, as três designações mais frequentes. *Citânia* é o chamamento geral para os castros de grandes dimensões. Mas há outros muitos nomes populares, a saber: *casal dos mouros*, *casalico*, *casarelhos*, *casicas*, *casildro*, *casinhas*, *castelares*, *castelejo*, *castelejão*, *casteloso*, *castelinho*, *castiêlho*, *castilejo*, *castilhão*, *castragosa*, *castralheira* ou *castralheiras*, *castralhouço*, *castrelinhos*, *castrelos*, *castrelhão*, *castrilhão*, *castrilhouço*, *castrobuço*, *cêrca*, *cêrca dos mouros*, *cidadeilha*, *cidadonha*, *cigadonha*, *ciranelha*, *couto dos mouros*, *coroa*, *crestelo* ou *crestelos*, *crestim*, *cristelo*, *feira dos mouros*, *muro*, *muradal*, *escantralhouço*, *toural dos mouros*.

Um castro é um recinto muralhado assente quase sempre no topo dum cabeço com naturais condições de defesa, que se reforçavam com uma ou mais fiadas de muralhas (a citânia de Briteiros, p. ex., tem três), um ou mais fossos e, por vezes, um ouriçado de pedras fincadas, que muito dificultaria a marcha quer do homem quer dos cavalos.

As muralhas delimitam o espaço onde se erguiam as casas.

Quase sempre na proximidade dum rio, ribeiro ou confluência de cursos de água, os povoados castrejos podem considerar-se a expressão topográfica ou geográfico-cultural dum estilo de

(1) São muitos os nomes pelos quais o povo das diferentes regiões ou províncias designa os castros. Só em «terra de Miranda», leste trasmontano, graças aos informes do grande mirandês e distinto etnógrafo Reverendo P.^e António Mourinho, registei as seguintes: *castro*, *castelo*, *castiêlho*, *castralhouço*, *castralheiras*, *escantralhouço*, *casal dos mouros*, *casildro* e *casalico*.

vida que durou pelo menos 1000 anos (séc. VIII a. C. até ao II-III depois de Cristo) e teve o seu apogeu na II idade do ferro (post-halstático) nos 3 séculos antes de Cristo e nos primeiros da nossa era.

Nos castros, como escreveu o Prof. Mendes Corrêa (1), floresceu «uma cultura indígena primitiva, que antes foi também mais ou menos celtizada».

As sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base extreme, em que entroncou sólida e firme a nacionalidade portuguesa. Por isso os castros deviam ser considerados imóveis de interesse público. Convenientemente escolhidos, deviam ser escavados uns 6 ou 7 em cada distrito, sob orientação científica segura, procurando, tanto quanto possível, repô-los na sua feição primitiva a coberto da fúria destruidora dos ladravazes da pedra e da obstinada e louca mania dos, não menos furiosos, pesquisadores de tesouros.

Nos castros implantam-se velhas raízes da nacionalidade portuguesa.

E assim, estudar os castros e a cultura castreja é fazer nacionalismo e do mais são.

O castro e a sua localização

Como já disse, o castro fica no cimo dum cabeço sobranceiro à estância termal de Carvalhelhos e dela distante uns escassos 500 m (Fig. 1). O cabeço, para os lados norte, nascente e sul, tem vertentes mais ou menos empinadas, que formam uma espécie de

(1) Mendes Corrêa — *Os povos primitivos da Lusitânia* (Geografia, Arqueologia, Antropologia). Porto, 1924, 390 págs. e 32 figs.; citação na pág. 301.

esporão abraçado pelo ribeiro (1) que lhe corre no sopé e o separa da encosta fronteira, também fortemente empinada. Do lado

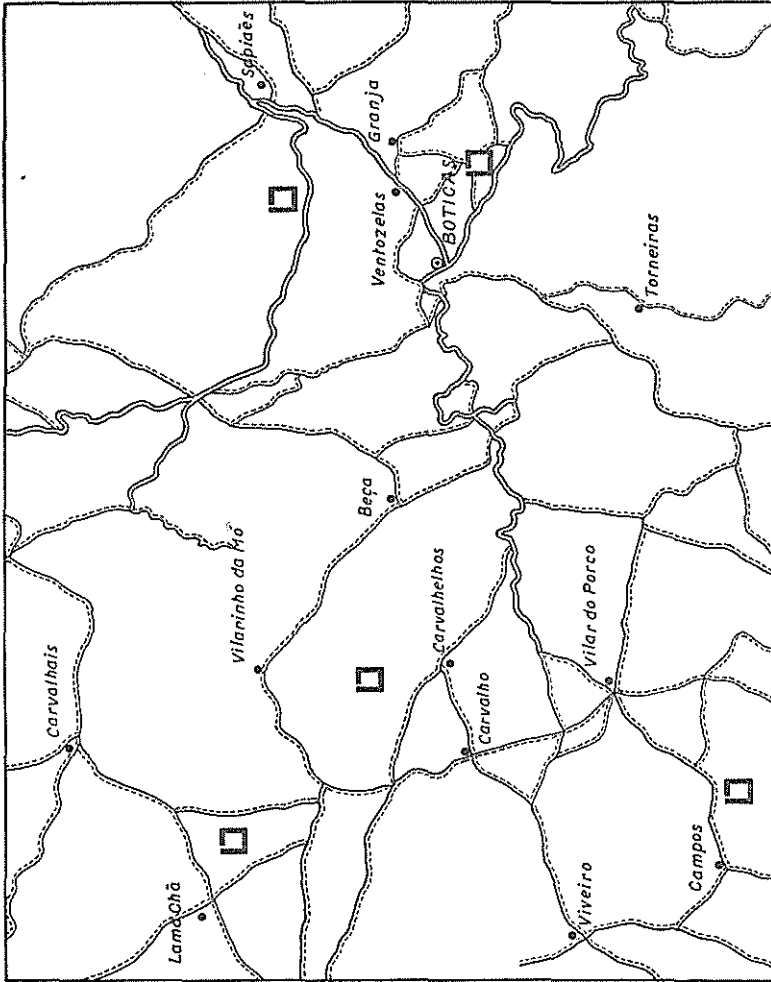


Fig. 1 — Carta da região de Boticas localizando os 5 castros de que tive conhecimento, e 4 dos quais já percorri em exploração sumária.

(1) O ribeiro, a cerca de 2 km abaixo, vai desaguar no rio Beça; na porção junto do castro tem o nome de ribeiro do crasto; para cima toma o nome de ribeiro dos meãos; para baixo, primeiro, o de ribeiro das caldas e, em seguida, o de ribeiro das lameiras.

poente, ou, melhor, sudoeste, o cabeço entronca na ladeira que, embora em pendor suave, o domina. Este é o lado de mais fácil acesso. Por isso mesmo a linha de defesa foi ali reforçada com fossos, que os esquemas da fig. 2 e as fotografias das figs. 7 e 8 bem mostram, e com o curiçado de pedras fincadas, a que adiante faremos especial referência.

O cabeço é conhecido na região pelo nome de «crasto» ou «couto dos mouros».

O recinto muralhado cimeiro é arredondado e os seus diâmetros, cortando-se sensivelmente a meio, medem respectivamente 51^m e 42^m,50.

Estado de conservação aquando da primeira visita

No ano de 1950, em que pela primeira vez percorri o castro, a não ser uma pequena porção da muralha do lado de leste, ou, melhor, sudeste, em que se podia ver o «opus incertum» primitivo, tudo o mais eram ruínas. Esta pequena porção íntegra da muralha tinha uma extensão de uns 10 m e uma altura que, consoante os sítios, ia de 90 cm a 1,20 m (Fig. 18).

O resto estava totalmente desmoronado. O alinhamento das muralhas era marcado por enorme amontoado de pedras soltas (Figs. 10 e 11). Era de supor que aquele cordão de pedregulhos, com largura que nalguns sítios ia a mais de 6 metros, estivesse a tapar a base da muralha e esta conservada em tal estado que nos pudesse dar indicações precisas quanto ao seu alinhamento, largura, material e tipo de construção.

Arredei algumas pedras e verifiquei que assim era, pelo menos nos sítios onde procedi a este trabalho de pesquisa.

Os fossos estavam em parte atuídos.

No rebordo do fosso exterior viam-se pequenas áreas de

pedras espetadas no chão formando ouriçado defensivo. Por entre estas pedras cresciam urzes (1), carqueja (2) e margaça (3). Dentro da muralha, na porção sudoeste correspondente ao lombo do cabeça, eram patentes as ruínas de pelo menos duas casas circulares e uma casa rectangular. Todas com depressão umbilical a meio, indicadora de terem sido escavadas por desenfreados pesquisadores de tesouros. Tudo na maior parte encoberto por velhas urzeiras ou torgueiras. Nesta porção sudoeste, o alinhamento de pedras soltas atingia grande largura e uma altura de quase 3 metros, depois inflectia quase em ângulo recto, para seguir em direcção nor-nordeste paralela ao maior diâmetro do castro e ao eixo do esporão em que o mesmo assenta.

Precisamente no lombo, e no sítio onde a muralha interior inflectia para seguir a direcção referida, entestava o esbarrulhado duma segunda muralha a que podemos chamar muralha exterior. Esta segunda muralha, logo a seguir à sua origem, encurvava para nor-nordeste e seguia encosta abaixo quase paralela à muralha interior, dela separada por uma distância de cerca de vinte metros (Fig. 2).

Escavações

Campanha de 1951. — A primeira campanha de trabalhos no castro foi feita em 1951, no mês de Setembro. Pesquisei com cui-

(1) Ali há duas espécies de urzes. A uma chamam urzeira ou urze-torgueirinha é a *Erica cinerea* Lin., com raiz muito desenvolvida e fortemente lenhosa. À raiz dão o nome especial de *torgo*, que é, frequentemente, utilizada para fazer carvão e muito apreciada como lenha.

A outra urze é a *Erica umbelata* Lin., a que chamam queiroga.

(2) A carqueja é a *Genistella tridentata* Samp.

(3) A margaça-branca ou «margaço-branco» é o *Halimium scabrosum* Samp.

dado o contorno da muralha interior. Do lado nordeste, junto de grandes blocos de granito, um dos quais é designado por cavalo

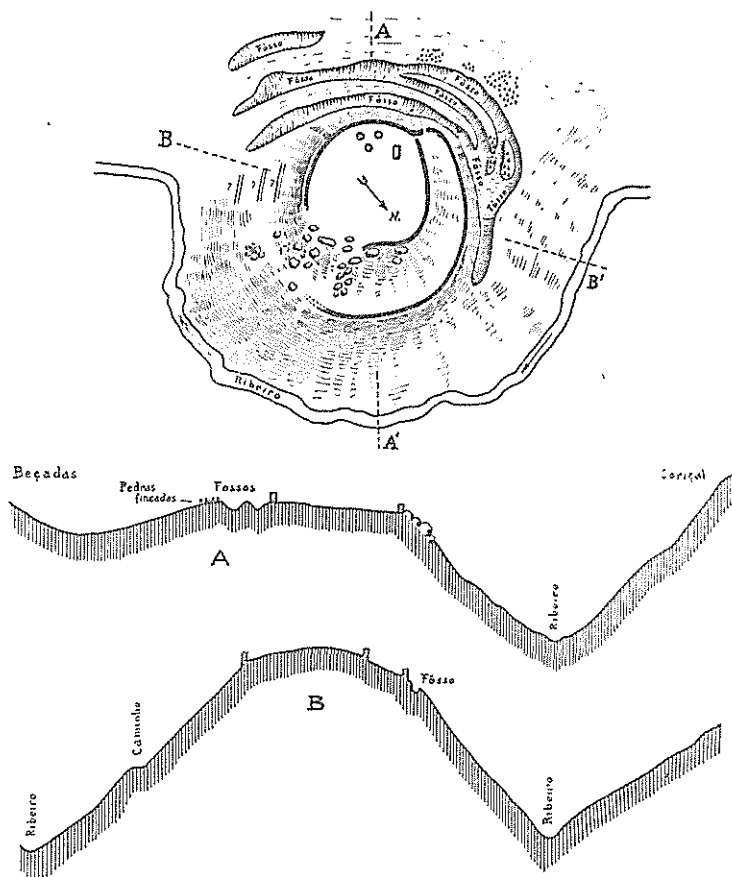


Fig. 2 — Esquema do castro assente no esporão abraçado pelo ribeiro. Em baixo: A, corte segundo AA'; neste corte, e na ladeira para o ribeiro, não marquei a muralha anterior que ali parece constituir antes um degrau ou parapeito; B, corte segundo BB'.

dos mouros, encontrei uma passagem em rampa, iniciando a descida para o ribeiro. Talvez possa ser uma porta, chamemos-lhe assim, que, por ficar sobranceira ao ribeiro, podemos

designar por porta da água. O estado de extrema ruína da muralha até ao rés-da-terra não permitia mais do que verificar a existência dessa saída ou porta.

Na semana de 24 a 29 de Setembro fizeram-se escavações com 12 pessoas (7 homens e 5 mulheres).

As despesas do pessoal foram feitas pela Empresa das Caldas Santas de Carvalhelhos, a quem testemunho, mais uma vez, os meus agradecimentos e louvor, pelo inteligente interesse que pôs no caso. O agradecimento e louvor merece-os em especial o sócio-gerente da Empresa Sr. D. Francisco Gonzalez pelas facilidades concedidas quer em pessoal quer em material tal como picaretas, sacholas, pás, cirandas, etc.

Coadjuvou os trabalhos o assistente da cadeira de Urbano-logia da Escola de Belas Artes do Porto, Arquitecto José António Sequeira Braga (Aldão), que acompanhou com entusiasmo os trabalhos em curso.

O grande interesse pelas pesquisas arqueológicas manifestado pelo Arquitecto Sequeira Braga pode considerar-se como um lampejo hereditário; é que este architecto é segundo-sobrinho do grande arqueólogo Martins Sarmiento.

Nesta campanha fez-se a desobstrução dum pano de muralha da zona sul, cuja base foi posta a descoberto numa extensão de cerca de 50 m, depois de remover muitos metros cúbicos de pedregulho e cascalheira. Na zona sudoeste procedeu-se à escavação do recinto castrejo. Isolaram-se três casas circulares e uma rectangular, que vão indicadas na fig. 4.

No segundo alinhamento da muralha derruída, ou muralha exterior, encontrei uma passagem, ou porta, com 88 cm de largura pelo lado de fora e um pouco menos pelo lado de dentro (Fig. 3). Os cunhais desta passagem tinham, do lado de fora, as alturas de 80 cm de lado direito e um pouco menos de metade do lado esquerdo. Esta porta, ou passagem, tinha, nas entradas,

uma espécie de soleira feita de pedras pequenas alinhadas e travadas. A parte média desta passagem não era empedrada.

Nesta campanha de 1951 ainda se procedeu à escavação de cerca de metade duma casa circular que designei casa n.º 1 (Fig. 4).

O espólio da campanha de 1951 foi muito escasso, praticamente nulo. Em síntese, foi o seguinte :

Escórias — Apareceram algumas dezenas de fragmentos de escórias, uns maiores, outros menores, predominando os tamanhos que podemos comparar a bugalhos.

Minério de ferro — Na casa n.º 1 apareceram três pedacitos pequenos e um maior de minério de ferro (hematite). Três outros bocados grandes e 5 mais pequenos apareceram junto da muralha, entre esta e a casa n.º 2. Apareceu também um cristal de perite de ferro do tamanho da cabeça dum dedo (peritoedro ou dodecaedro rômico).

Carvão — Quer dentro da casa n.º 1 quer no exterior apareceu bastante carvão, que parece ter sido feito da raiz da urzeira a que vulgarmente chamam torgo.

Moedas — Apareceram duas moedas recentes. Um vintém de D. Luís, encontrado na muralha, quando os obreiros deslocavam pedras da mesma para desobstruir a base. Outro vintém, este de D. Carlos, foi encontrado na ciranda que crivava a terra da zona circundante da casa rectangular.

Cerâmica — Encontraram-se escassos fragmentos de cerâmica. O maior de todos com apenas 6 cm de comprimento por 4,5 cm de largura. Os outros 15 fragmentos são todos menores.

Há 3 tipos de cerâmica, toda micácea e toda lisa, sem qualquer saliente ou estampado.

Um tipo, o mais abundante, é pouco espesso e de tonalidade escura. Um segundo tipo é também pouco espesso mas de tonalidade clara. O terceiro tipo, representado apenas por um fragmento, é de textura granosa, claro pela face interna e escuro pela face externa.

Campanhas de 1952 e 1953 — Nos meses de Agosto de 1952 e 1953, durante 10 a 15 dias em cada um destes anos, prosseguiram as escavações.

No ano de 1952 removeram-se as pedras do enorme amontoado que se via no alinhamento do lombo, no sítio mais alto do castro, logo a seguir à passagem da muralha exterior que tinha descoberto no ano anterior.

Verifiquei que a muralha exterior, construída de xisto, se aplicava de encontro a um redondo da muralha interior, esta feita de pedras de granito.

Tive também a sorte de deparar com a porta da muralha interior.

Neste ano de 1952 escavei as mamoadas que existem no monte do Coriçal, fronteiro ao castro e do outro lado do ribeiro. O povo chama às mamoadas «fornecos dos mouros» e acredita que era ali que eles coziavam o pão.

Do castro, e precisamente na crista do Coriçal, vêem-se duas mamoadas (Fig. 10). Mais abaixo, e logo à esquerda do caminho para Vilarinho da Mó, há mais duas separadas uma da outra cerca de 25 metros. Mais para baixo e do lado direito do caminho havia restos de outra, que pouco se salientava do terreno. Todas apresentavam depressão umbilical a meio, indicadora de violações praticadas pelos pesquisadores de tesouros. Em algumas notam-se ainda alguns esteios; uns em posição mais ou menos verti-

cal, outros tombados. O resultado da escavação foi escasso. Além de bastante carvão, alguns restos de cerâmica. Um deles, ornamentado, faz lembrar a técnica campaniforme. Alguns destes carvões e outros escavados no castro, mandei-os para a América do Norte, ao prezado Colega e Amigo Prof. Hallam L. Movius Júnior, para lhes ser feita a determinação do carbono 14. Esta não pôde, porém, fazer-se pelo muito serviço acumulado no respectivo laboratório.

É possível que a tivessem feito se eu conseguisse a verba necessária ao pagamento da mesma.

No ano de 1953 prosseguiram os trabalhos de remoção da pedra que, derruída, tapava a base da muralha.

Com a pedra tombada, refez-se a porta do castro bem como a muralha que a esta se seguia para o lado nordeste. Restaurou-se a muralha por fora e por dentro, numa extensão de 20 a 25 m e numa altura de 1 m a 1 m e meio.

Nestes anos, o pagamento dos obreiros foi à conta da Empresa das Águas de Carvalhelhos que continuou também a fornecer ferramentas, cirandas, etc.

Campanha de 1956 — No mês de Agosto de 1956, com subsídio concedido pelo Centro de Etnologia Peninsular, refizeram-se parte da muralha exterior derrubada pelos carreiros saltadores, bem como a porta do castro por eles também quase totalmente demolida para lhe arrancarem as pedras de granito dos cunhais. Ainda se pôs a descoberto a base duma porção da muralha interior, libertando-a da terra, pedras e cascalho que completamente a tapavam.

Campanha de 1957 — Em 1957 o Centro acima referido concedeu novo subsídio que permitiu alguns dias de trabalho no mês de Agosto.

Graças ao subsídio de sete mil escudos concedidos pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, pudemos, em três semanas de trabalho, no mês de Outubro de 1957, dar um grande avanço no arrumo da pedra derruída e reconstruir umas dezenas de metros de muralha. Refizeram-se mais de 80 metros de muralha, e descobriu-se uma série de rampas de acesso à mesma.

Refizeram-se ainda as duas casas redondas que tinham sido em grande parte vandálicamente destruídas pelos mencionados carreiros salteadores. Ao pôr a descoberto o alinhamento da muralha encontraram-se alguns escassos restos de cerâmica e uma fivela de metal, de que falaremos adiante.

Assalto às pedras do castro

Em Março de 1954 o Sr. D. Francisco Gonzalez escreveu-me a comunicar que um habitante de Carvalhelhos de nome Alexandre Alves se metera a fazer uma casa e que quatro carreiros ao serviço do mesmo, cada um com seu carro de bois, tinham ido ao castro buscar pedras e as tinham arrancado da muralha reconstruída e das casas redondas por nós descobertas, e em parte isoladas. Comuniquei superiormente o desvio das pedras e a vandálica destruição daquilo que com tanta despesa, gosto e carinho, tínhamos posto a descoberto e íamos procurando repor na sua feição primitiva.

O Alexandre Alves foi processado pela Fazenda Pública. Julgado em Chaves, não foi condenado a repor as pedras que, por vandalismo, estupidez, ignorância ou maldade, tinham sido retiradas do castro, «imóvel de interesse público» havia já dois anos (Decreto n.º 38.941 de 6 de Novembro de 1951).

A impunidade é um incentivo para os manhosos que sob a capa do «não sabia», do «não tinha conhecimento», vão fazendo destruições sucessivas (1).

Muralhas

Além da muralha do reduto castrejo há, do lado do poente, uma segunda muralha, a que chamamos muralha exterior, que, descendo pela encosta, inflecte em arco, para seguir ao lado e uns 25 a 30 metros abaixo da muralha do recinto cimeiro. Ainda não pude pesquisar o alinhamento preciso desta segunda muralha que possivelmente abrangerá o castro na maior parte do seu contorno.

Na encosta voltada a leste encontrei vestígios de três paredes, certamente alicerce de três linhas de muralhas. É assunto a apurar em nova fase de escavações. Um homem velho de Carvalhelhos diz que nesta encosta existiam 7 linhas de muralhas! Trata-se possivelmente dum exagero. É certo que há anos ali abriram uma pedreira onde (Fig. 7) durante alguns meses, arrancaram e talharam muita pedra de granito. Muito naturalmente estes trabalhos devem ter destruído quaisquer vestígios de muralhas que no local tivessem existido.

(1) Em Agosto de 1957 chegou-me a informação de que a importante estação de arte rupestre do Outeiro Machado, na Abobeira, perto de Chaves, tinha sido destruída em parte. A cobiça no tesouro que a lenda situa no penedo do Outeiro Machado, levou um vândalo a broqueá-lo e, a tiro, estilhaçar-lhe uma ponta. A mesma informação realçava a inteligente interferência duma pessoa da terra que não permitiu que a destruição prosseguisse. Não era de mais que o destruidor fosse obrigado a repor na posição primitiva os pedaços que os tiros fizeram saltar. Parece que tal reposição será possível e não difícil.

A espessura das muralhas é, em média, 2,50 m a 3 m. Apenas no topo redondo ou cubelo (?), junto da porta do castro, é que a muralha atinge 3,75 m de espessura (Fig. 3).

Altura das muralhas? É difícil dizer com segurança qual a altura que teriam primitivamente.

No lombo, no alinhamento noroeste-sudeste, a crista do esbarrulhado ainda ia a um pouco mais de 2 m de altura.

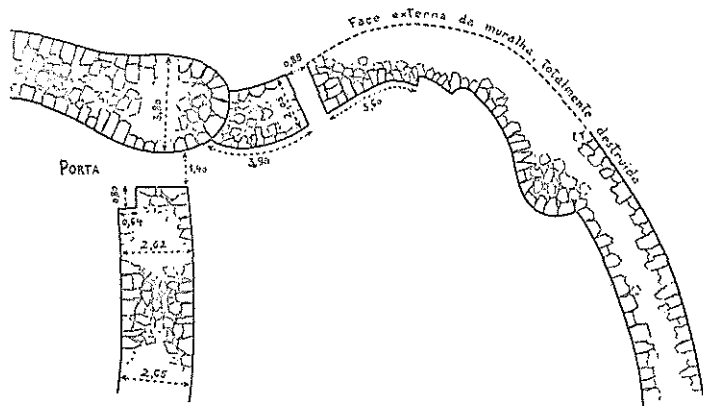


Fig. 3 — Porta do castro e passagem na muralha exterior.

Ali a muralha devia ter pelo menos essa altura, mas muito possivelmente mais.

Inquiri várias pessoas de idade e todas foram concordes nos seus informes quanto à grande altura que, em certos pontos tinham as muralhas há uns 25 ou 30 anos.

Um dos inquiridos, pedreiro que, em várias campanhas, tem trabalhado comigo no castro de Carvalhelhos afirmou: «Há 15 anos vim trabalhar para esta terra na minha arte. Todas as casas que neste tempo têm sido feitas em Carvalhelhos, algumas dez ajudei eu a fazê-las, a pedra foi quase toda daqui». Asseverou ainda que se lembra de a muralha ter entre 2 e 3 m

de altura no sítio do lombo; nalguns pontos talvez mesmo um pouco mais de 3 m.

A muralha, nas porções ainda milagrosamente conservadas imunes da fúria vandálica dos arrancadores das pedras, não é de construção aprumada, mas em ligeiro descaimento para dentro (Fig. 18). As pedras caídas junto da muralha foram repostas na mesma. Na reconstrução os pedreiros mantiveram o descaimento ou pendor averiguado nas porções íntegras.

A face exterior da muralha do recinto cimeiro era feita de granito, em pequenas pedras dispostas em «opus incertum», enquanto que pela face interior era feita de pedra de xisto, a que na região chamam piçarra.

Portas

Em 1951 descobriu-se a porta ou passagem na muralha exterior (Figs. 3, 16 e 17), e em 1952 a porta de entrada no recinto interior, inteiramente soterradas pela cascalheira esbozada das porções anexas da muralha derruída.

Uma e outra foram, em parte, destruídas pelos carreiros saltadores e tiveram de ser reconstruídas.

A porta do recinto interior, a que podemos chamar porta principal, tem um recanto ou abrigueiro no cunhal interior com as dimensões de 64 cm \times 80 cm.

Do lado do ribeiro, e perto do penedo a que chamam *cavalo dos mouros* (Fig. 9), há uma porta a que poderemos chamar a «porta da água» isto é de serventia ou saída para ir buscar água ao ribeiro. É larga de mais de 2 metros. Não se vê nada que faça prever uma verdadeira porta com ombreiras, que podem, contudo, ter existido e terem sido destruídas totalmente para lhes aproveitarem as pedras.

Parece que, na continuação desta porta ou passagem, há, na rampa que se lhe segue, uma espécie de degraus largos. É assunto a esclarecer em escavações posteriores. Também perto do *cavalado dos mouros* e para o outro lado, lado sudoeste, há restos de uma parede fronteira e paralela à face quase vertical e lisa dum penedo que fica no alinhamento da muralha. Isto faz pensar que ali existiria uma outra porta ou passagem do recinto interior para a vertente leste do castro, onde, como disse atrás, se notam ainda os restos de 3 muralhas.

Rampas de acesso à muralha

Uma nota muito interessante deste castro é a existência de rampas de acesso à muralha. Dei por elas, na campanha de 1951. Então vi três. Mas foi nas campanhas de 1956 e 1957, ao procurar a base da face interna da muralha, que averigüei existirem, ao todo, pelo menos dez.

No alinhamento do noroeste, cuja muralha está agora refeita numa extensão de mais de 50 metros, há 4 rampas. A primeira a 12 metros da porta principal do castro; 2,80 m a seguir, vem a segunda rampa; mais 7 metros, temos a terceira; e a 11,50 m desta, a quarta (Figs. 24 e 25).

No sector do lado sul há duas rampas e parece haver mais duas. A escavação nesta porção do castro foi apenas iniciada.

Do lado sudoeste, ou seja no lombo, há outras duas rampas, a primeira das quais parece ter o seu início a 4,50 m da porta principal. O desaterro da base da muralha neste ponto está ainda por ultimar.

As rampas têm 45 a 50 cm de largura e correspondem, quase sempre, a um alargamento da muralha, isto é, a muralha alarga

no sítio da rampa o correspondente à largura desta. Na quarta rampa do alinhamento do noroeste, as coisas passam-se de maneira diferente. A muralha encurva ou faz uma reentrância do seu alinhamento num estreitamento sensivelmente igual à largura da rampa que aí se lhe mete (Fig. 20).

A existência de tantas rampas de acesso à muralha leva a crer que a defesa do reduto estava prevista a fazer-se de cima da mesma.

A ser assim, é de crer que nesta houvesse parapeito que oferecesse aos defensores do reduto certas condições de protecção, quer na luta da escalada da muralha, luta de embate, luta de corpo-a-corpo, quer na luta à distância, como lógico abrigo contra os projecteis de arremesso. Pode mesmo admitir-se a coexistência de parapeitos de diferentes alturas, uns mais altos e outros mais baixos. Àqueles, constituindo uma espécie de postos de vigia por trás dos quais os sitiados manobriariam especialmente a funda, deviam ter grandes entalhes que permitissem o conveniente manejo da mesma.

Os mais baixos, com cerca de 1 metro de altura, dando pela cintura de um homem, permitiriam que o ataque aos inimigos que tentassem escalar a muralha se fizesse, acutilando-os à espada ou vazando-os a chuço, em condições de segurança e defesa incomparavelmente superiores àquelas em que tal defesa ocorresse numa muralha sem parapeito.

É de crer que, numa espécie de denticulado alternante, o parapeito fosse, pelo menos em alguns sítios, sucessivamente mais alto e mais baixo.

Podem imaginar-se várias hipóteses quanto à forma, altura e distribuição dos parapeitos.

Fossos

Como bem mostra o desenho esquemático da fig. 2 na parte em que o esporão, no qual assenta o castro, se liga ao monte de que depende, há os regueirões dos fossos (Figs. 7 e 8). Estes, subindo a encosta do lado do leste atingem oombo, torcem depois para norte em seguimento ou direcção ao ribeiro, descendo obliquamente pela encosta em alinhamento paralelo à muralha exterior.

Esquemáticamente podemos dizer que a linha dos fossos é tríplice.

O fosso interno desenvolve-se logo a seguir às muralhas, abraçando-as a pequena distância.

O fosso médio nasce a leste, ao lado do início do fosso anterior, sobe a encosta paralelamente ao fosso interno e, ao atingir oombo, bifurca-se. O ramo interno desta bifurcação vai confluir adiante com o fosso interno. O ramo externo, mais ou menos na altura desta confluência, bifurca-se por sua vez. Os dois ramos desta bifurcação abrangem um espaço de forma grosseiramente ovóide e vão depois confluir com o fosso interno (Fig. 2).

O fosso externo é o mais pequeno: está limitado à encosta do lado nascente. É menos fundo que os outros dois e dá a impressão de constituir a tentativa incipiente dum 3.º fosso cuja abertura, por quaisquer razões, não prosseguiu.

Os fossos têm de abertura dimensões variáveis que vão de 4 ou 5 metros até 10 a 12 metros nos pontos onde a erosão de muitos séculos parece ter exercido maior acção.

A profundidade é igualmente variável, atingindo em alguns pontos cerca de 3 metros, sobretudo nos sítios onde as cristas de separação dos fossos são formadas pelo afloramento xistoso. As pedras de xisto que entraram abundantemente na

constituição das muralhas foram, seguramente, arrancadas nestes fossos.

O granito existe na encosta sobranceira a uma escassa centena de metros.

Pedras fincadas

Conforme disse atrás, a existência de pedras fincadas constitui mais uma linha de defesa neste pequeno mas bem defendido castro.

Em alguns sítios podem ver-se pedras de xisto espetadas na terra e encostadas umas às outras, formando um ouriçado contínuo de pedras grandes e pequenas, à mistura. As maiores salientam-se 50 cm fora da terra, outras muitas apenas 25 a 30 cm. Algumas ainda menos. Note-se, porém, que entre aquelas pedras cresce monte, urzes, carqueja, margaço, etc., que é cortado à sachola ou arrancado a alvião pelos habitantes de Carvalhelhos. Para arrancar um pé de carqueja ou um torgo, não se ensaiam nada em quebrar ou até arrancar as pedras que lhes causem estorvo.

Ainda na última campanha de trabalhos, em Outubro de 1957, vi uma rodeira de carro de bois que seguiu pelos fossos para carregar o monte cortado (não se averiguou por quem) no espaço compreendido entre a muralha principal e a segunda muralha do lado noroeste.

Em alguns sítios do ouriçado de pedras fincadas fui encontrar algumas pedras arrancadas de fresco, que mandei implantar de novo nos respectivos buracos ainda em aberto. O arranque era de há muito poucos dias e estava em relação com o referido corte do monte.

No sector do poente, em coincidência com a zona do lombo do cabeço onde assenta o castro, há ainda uns restos de ouriçado de pedras fincadas, distribuídas por cinco grupos (Figs. 26 a 29). Três

no rebordo externo do último fosso a contar da muralha. O maior tem 18 a 20 m de comprimento por 3 a 4 m de largura média, o menor tem cerca de 3 m por 2 m e fica entre o anterior e o que se segue, tendo este 10 m de comprimento por 4 m na maior largura. Os outros 2 grupos de pedras fincadas vêm-se nos meões de separação dos 3 fossos do lado de noroeste. É bem provável que todos os meões ou cristas de separação dos fossos tivessem ouriçado, quase contínuo, de pedras fincadas. Pelo que resta no bordo externo do último fosso, é de crer que este ouriçado rupestre bordejasse o fosso na maior parte, ou mesmo na totalidade, da sua extensão, constituindo-lhe uma faixa protectora de 8 a 10 m de largura. Como atrás referi, conhecia o ouriçado de pedras fincadas de alguns castros dos concelhos de Mogadouro ⁽¹⁾ e de Miranda do Douro, mas nenhum outro em situação tão ocidental como Carvalhelhos.

(1) O primeiro castro em que vi pedras fincadas foi o «castelo dos mouros» em termo de Vilarinho dos Galegos (Mogadouro), sobranceiro às arribas do rio Douro. Quando ali estive em 1923 e 1924, havia ainda muitas pedras de granito espeladas no chão e com pontas de quase um metro fora da terra.

O Abade de Baçal no vol. IX das suas monumentais *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, 1934, nas págs. 107, 180 e 513, cita vários castros em que a defesa era reforçada por pedras fincadas, a saber: em Algosinho, Calvelhe, Paredes, Penhas-Juntas, Picote e Parada-de-Infanções.

Ao falar do castro de Algosinho, diz que o mesmo é ali conhecido pelo nome de «Castelo-do-mau-vizinho» ou «Castelo dos Mouros» ou simplesmente «castelo». O Abade de Baçal (pág. 107) descreve-o assim: «é um pequeno recinto de 20 m de diâmetro pouco mais ou menos, cercado por muros de mais de metro de grossura, por um fosso e por uma faixa de 10 m de largura cravada de pedras de mais de metro de altura com a ponta aguçada para cima à laia de estrepes, a fim de dificultar os ataques da cavalaria e infantaria. Do castelo resta apenas um cômodo que deixa supor a sua localização; dos muros e estrepes pequenas ruínas, pois as pedras têm sido levadas à formiga para tapagem de propriedades particulares». A este castelo de Algosinho já se havia

Casas

Até agora puseram-se a descoberto apenas 4 casas, 3 redondas e uma rectangular, situadas, em grupo, da zona sudoeste do

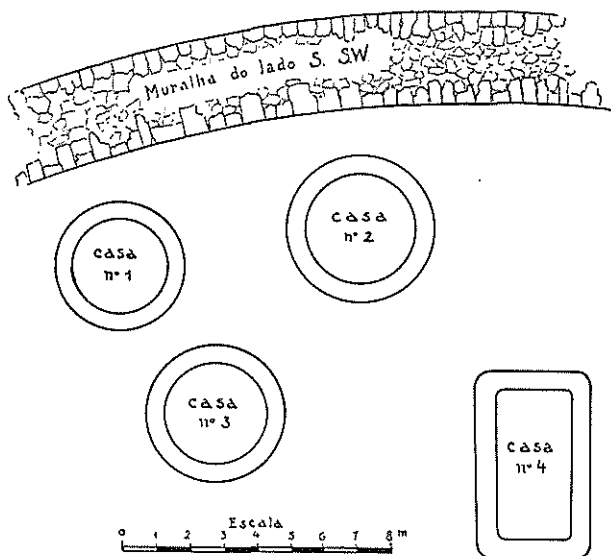


Fig. 4 — Grupo de casas junto da muralha e logo a seguir à porta do castro.

recinto castrejo junto da muralha (Fig. 4). Salvaram-nas as muitas pedras e o entulho que as recobriam.

referido José Manuel Martins Pereira, a pags. 114 e 115 do seu livro *As Terras de Entre Sabor e Douro*, Setúbal, 1908, que dizia estar em completa ruína «porque os moradores da freguesia lhe têm levado a pedra para construções de casas e paredes de campo». Igualmente alude ao fosso e, na frente deste, à existência de «grossas lajes de granito, espetadas no chão, tendo algumas mais de meio metro de altura, e outras mais pequenas, quase ligadas umas às outras, sendo difícil ou quase impossível caminhar por entre elas. Estas lajes formavam uma faixa em volta do castelo com mais de 10 m de largura».

A Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição Pinto de Azevedo e Sousa Peres, portuense muito inteligente e culta, frequenta há muito a estância de Carvalhelhos. Foi este ano, em Agosto, visitar os serviços das escavações. Nessa altura me comunicou que há 33 anos subira pela primeira vez ao castro. Lembra-se de então ter visto muitas casas redondas, talvez umas 20, ou mesmo mais. Diz que as havia pelo meio do castro, onde está hoje tudo rapado, e também ao pé do penedo a que chamam o «cavalo dos mouros».

Esconderijo de estanho

Na encosta voltada a leste, a uns 60 a 70 metros do penedo conhecido pelo nome de «cavalo dos mouros», haverá uns doze ou treze anos, quatro rapazes de Carvalhelhos toparam com um depósito de minério de estanho (cassiterite), que escavaram em proveito próprio. Lavaram a terra e, em quatro dias, apuraram 200 quilos (!) de cassiterite, que venderam a 30\$00 esc. o quilo. Foi um levante. A notícia daquele tesouro espalhou-se rápida. Muita gente de Carvalhelhos escavou e lavou a terra dos sítios em volta, onde iam aparecendo uns pedacitos de cassiterite mas nada que se parecesse com aquele ninho inicialmente descoberto pelos quatro rapazes, que em quatro dias ganharam seis mil escudos.

Só consegui falar com um deles que me contou o seguinte. Um dia, ao passar no sítio, viu uns pedacitos negros no chão. Apanhou-os e viu que eram cassiterite. Esgaravatou na terra e foi aparecendo mais.

Com 3 companheiros foi feita a escavação em forma. Era uma cova aberta no granito. Por cima da terra que a tapava havia bastantes pedras.

No dizer do meu informador, na cova estava «escondida»

a cassiterite referida «misturada com pedras brancas (quartzo); muito carvão; muitos cacos; alguns púcaros; pregos de ferro; muitas rodelinhas de barro com um furo no meio (cossoiros); uma grade de metal com as cabeceiras dum lado e do outro e os varais, tal e qual como uma grade de agradar a terra, mas pequenina, aí do comprimento de um dedo e da largura de 2 dedos postos a par; dois ou três estribos de metal verde e outros pedacitos de metal».

A princípio supus que seriam verdadeiros estribos para os cavaleiros firmarem os pés. Afinal, depois dum largo inquérito, e não sem alguns embaraços à mistura (não queria suggestionar), parece poder concluir-se que os tais estribos eram fíbulas. É de crer que tais peças tenham sido arrecadadas. O informador porém diz que se devem ter perdido com outros pedacitos de metal a que os garotos iam deitando a mão.

Os púcaros quebraram-nos, e tudo se perdeu.

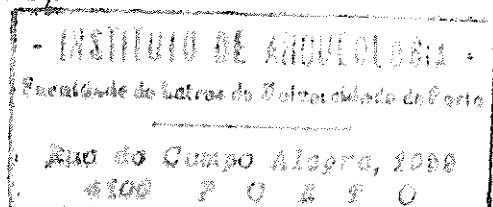
Constou-me vagamente (parece haver receio de dizer tudo o que apareceu no esconderijo) que apareceram outros objectos de metal e algumas moedas, uma ou duas de prata.

Fui ver o sítio.

Lá está a cova de fundo em bacia, já em parte aterrada.

Não pude proceder a uma limpeza da mesma, o que se fará em próxima oportunidade.

A cova tem uma forma irregularmente elipsóide com o diâmetro maior de 4 m e o menor de 3 m. A profundidade deve ir a cerca de 1 m. A cova fica no meio dum grupo de penedos baixos, e a 4 m à esquerda e acima do caminho que conduz aos lameiros. A alguns metros abaixo, num rego de água, procederam à lavagem da terra que tiraram da cova. Ainda ali apanhei alguns fragmentos de cerâmica, toda de tipo micáceo, nitidamente castrejo. Entre uns fragmentos, todos pequenos, apanhei um fragmento maior de bordo com asa perfurada (Fig. 6 b).



O castro assenta numa zona de contacto de xisto com granito. A região é rica de minério de estanho e de volfrâmio. Num cabeço sobranceiro ao castro que fica junto da aldeia do Carvalho, há importantes vestígios de velhas explorações mineiras, ditas do tempo dos romanos. São dois fojos: um enorme, o do Alto do Coto ou da Agróvia, é uma cova colossal dos seus 100 m de diâmetro, ou mesmo mais, por 20 a 25 de profundidade; mais abaixo, logo por cima das primeiras casas da aldeia de Carvalhelhos, fica o fojo das Corgas, um pouco menor, com os seus 70 ou 80 m de boca e 7 ou 8 m de profundidade, quando muito.

No alto de Coto, além do fojo da Agróvia, há dois outros mais pequenos, na vertente do lado da aldeia do Carvalho.

O cabeço do Coto é hoje explorado pela Companhia Mineira do Norte de Portugal, que ali tem arrancado grandes quantidades de volfrâmio e de estanho.

É de crer que os enormes fojos citados tenham sido trabalhados pelos habitantes do nosso castro e que dali tenham vindo os 200 quilos de minério de estanho topados no esconderijo.

Lendas e tradições

São muitas as coisas que se contam sobre achados e a existência de grandes riquezas escondidas no castro. Entre elas avulta um grande vitelo de ouro.

Ali existirá também um menino da idade de 8 anos, todo de ouro maciço.

A minha informadora exprimiu-se nos seguintes termos:

«Contava minha mãe — que Deus haja e que morreu de 90 anos — que o avô dela dizia que no castro estava escondido um menino de 8 anos, todo de ouro. O diabo é dar com ele».

É crença, e geral, de que os mouros do castro faziam os arreios para as bestas, de prata: fivelas, passadores, estribos, bridões e outras coisas eram de prata e por lá ficaram enterradas.

Aponta-se o nome dum padre de Quintas, pequena aldeia da freguesia de Beça, que fica sobranceira a Boticas, que, quando andava à caça, deu num «toco» (lura) de coelho com um pote cheio de libras.

Estas e outras coisas que se contam esquentam a imaginação e a cobiça dos aldeões. Depois não há pedra que não seja mexida e «bolcada» para, cupidamente, averiguarem se terá debaixo o pote das libras. É humano.

O castro não faz excepção à regra. Como é correntio, nos castros trasmontanos e minhotos, enxameiam as lendas e tradições de mouras que nas manhãs de S. João coram sobre os penedos as suas muitas meadas do mais fino ouro.

Conta-se que no dia de Natal, pelo meio-dia, quem andasse pelo sítio do castro lá ouvia tocar uns sinos.

Vejamos algumas lendas que me foram especialmente por-menorizadas.

Ponte da cerca do castro para o monte fronteiro. — Em tempos muito antigos, os mouros pretenderam fazer uma ponte de pedra da cerca do castro para a encosta ou ladeira do Coriçal, onde, como dissemos atrás, há os «fornecos dos mouros», as mamoadas a que nos referimos. É tradição que nelas os mouros coziam o pão.

Pois bem: tal ponte nunca se pôde fazer, pela razão simples de que a gente de Carvalhelhos ia lá de dia e deitava abaixo tudo o que os mouros tinham construído de noite.

A pertinácia destruidora da gente de Carvalhelhos manteve-se firme e os mouros tiveram de desistir do intento.

Tenda das Lameiras do Castro. — Conta-se que, em tempos muito antigos, nas Lameiras da base do Castro, andava uma rapariga a pastar o gado; quando viu uma «tenda», muito bonita, com muitos objectos de ouro. Brincos, anéis, cordões e arrecadas, eram em tal quantidade que metia espanto.

Nessa «tenda», espécie de lojinha, estava uma velhinha que pediu à rapariga uma panela de leite. Se lhe trouxesse, em paga lhe daria toda aquela riqueza. Deslumbrada a rapariga não teve perna manca e foi a casa buscar uma panela de leite que a velhinha teria bebido com boa sede e grande aprazimento. Em paga encheu a panela de qualquer coisa que a rapariga não pôde ver o que era. Ao entregar-lha disse-lhe que até casa não visse o que a panela tinha.

A meio do caminho, porém, a curiosidade levou a rapariga a destampar a panela.

Foi enorme o seu desapontamento ao ver singelíssimos carvões, que foi deitando fora.

Em casa desabafou com a mãe. A velhinha prometera-lhe a riqueza toda e, no fim de contas, dera-lhe apenas carvões que ela arremessara indignada. A mãe podia certificar-se; ainda restavam 2 ou 3 no fundo da panela.

A mãe foi ver a panela e verificou, espantada, que os bocadinhos do carvão de sobejo se haviam transformado noutras tantas magníficas libras em ouro.

Mãe e filha apressaram-se a percorrer o caminho em busca do carvão que a filha levianamente arremessara. Nada encontraram. Dos cavões, da «tenda» e da velhinha, nem o menor vestígio.

A minha informadora rematou: «A rapariga depois bem se arrepejava derretida em lágrimas, mas já de nada lhe valia».

A curiosidade, atributo bem feminino, fizera com que ela perdesse tanta riqueza.

O bezerro de oiro.— O tio Domingos Coelho, habitante de Carvalhelhos, é pessoa de idade. Está a arrumar aos 80 anos visto ter nascido, como afirma, em 1880.

É crente fervoroso na existência dum encanto enterrado no castro, sob a forma de um bezerro de oiro (1).

Toda a aldeia lhe conhece a obcecação e a tentativa que ele e um irmão fizeram para se apoderarem do tesouro.

O próprio, num dia em que o procurei na companhia do Sr. D. Francisco Gonzalez, nos contou tudo.

Sonhara várias vezes, e duma feita três noites a fio, com o tal bezerro de ouro.

Ele e um irmão, já falecido, foram-se ao castro. Levaram broca e marreta para abrir os buracos para os tiros, um livro de S. Cipriano para vencer o encantamento e uma espingarda caçadeira para atirar ao bezerro mal ele saltasse, e quebrar-lhe o encanto, podendo deitar-lhe a mão e chamar a si todo aquele peso de ouro.

Foi em 1916; há precisamente 41 anos.

Dirigiram-se ao extremo norte do recinto muralhado. Junto do penedo maior que ali se vê e é conhecido pelo nome de «Cavalo dos Mouros», por indicações seguras do livro de S. Cipriano, escolheram determinado penedo. Abriram-lhe dois buracos e neles meteram dois abonados tiros de pólvora.

(1) Não é raro o aparecimento de estatuetas zoomórficas nos castros do norte de Portugal e da Galiza. Citaremos apenas «um bezerrinho de bronze e um cavalinho» aparecidos no castro de Sacoias (Bragança). O Abade de Baçal, nas suas *Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança*, onde colhi esta indicação, em nota do fundo da pág. 52 do tomo X, diz que o «bezerrinho, provável ex-voto, está agora no Museu de Guimarães. Acrescenta que o seu desenho, acompanhado de notas explicativas, se encontra em «O Arqueólogo Português», vol. I, pág. 313.

Chegaram fogo ao rastilho e, à distância, aguardaram as explosões.

Mal estas se deram viram saltar do fraguado um alentado bezerro.

Atarantados, dada a súbita aparição e com a grande velocidade com que o mesmo fugiu ladeira abaixo, não puderam fazer uso da espingarda.

O tio Domingos Coelho, com um ar de forte convicção, contou, com extrema naturalidade, tudo o que vai relatado em síntese, e rematou:

«O bicho, que se mandava a fugir, em quatro saltos pôs-se lá em baixo, no ribeiro, e enfiou na ôla mais funda, na «ôla da moura».

Passados uns instantes, como que em concentração evocadora, acrescentou:

«Perdeu-se, para nunca mais lhe poder deitar a mão».

Impressionou-me extraordinariamente o fervoroso ar de convicção ardente com que este simpático ancião nos contou tudo isto, como quem relata um facto da mais objectiva realidade.

O seu entusiasmo e a teimosa certeza na existência de grandes riquezas ainda hoje ocultas no castro não eram menos impressionantes.

Síntese dos achados no castro

Moedas: — Além das moedas recentes a que atrás nos referimos, diz-se terem aparecido em várias oportunidades moedas romanas, das quais algumas de prata.

Uma delas, de cobre, foi oferecida ao Sr. Dr. Couto Soares que, por sua vez, a ofereceu ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Objectos de metal: — Possuímos apenas três, dois de bronze e um de ferro. Uma fivela circular de bronze (Fig. 5) aparecida, em Outubro de 1957, ao remover as pedras e entulho junto da muralha doombo entre as casas redondas e a porta do castro. Como a fig. 5 mostra, a argola é cravejada no aro e os extremos deste sobrepostos. Um deles está dobrado em goteira para receber

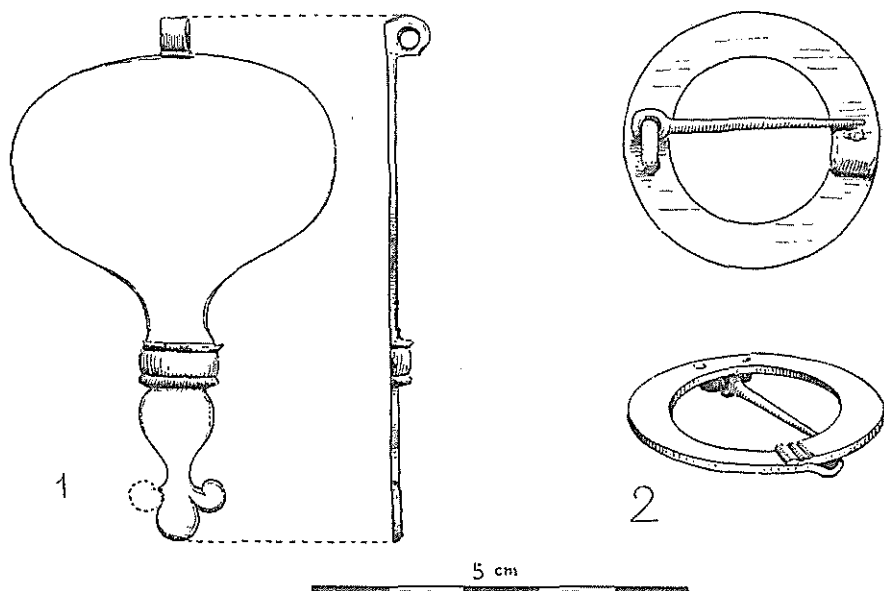


Fig. 5 — Objectos de bronze: 1 — pendente de bronze terminado em flor-de-lis e com orifício de suspensão; 2 — fivela circular com argola cravada no aro, e os extremos deste sobrepostos para formar goteira.

a ponta do travessão. O outro objecto de bronze é uma chapa cuidadosamente recortada e terminada por uma espécie de trifoliado em flor-de-lis (Fig. 5) que me foi oferecida pelo tio Domingos Coelho, que disse tê-la achado junto do sítio onde apareceu o esconderijo de estanho. Apesar de ter sido raspada, mostra, em vários pontos, uma bela pátina que lhe dá o aspecto como que de envernizado.

Esta particularidade falta na fivela circular.

O terceiro objecto de metal é um pedaço de chapa de ferro oxidada, de forma rectangular, com 5,5 cm de comprimento por 3,5 cm de largura. (Aproximadamente a meio tem um orifício rectangular de cantos arredondados, com as dimensões de 10 mm por 8 mm. Este orifício parece ter servido para receber um cravo que sujeitasse a chapa algures.

Cerâmica: — A primeira impressão a realçar é a da escassez de fragmentos de cerâmica que, por via de regra, tão abundantes são na maior parte dos castros trasmontanos.

Depois há que acentuar a sua grande fragmentação. São poucos os bocados que ultrapassam 5 ou 6 cm de comprimento.

A fragmentação deve ser consequência do profundo revolvimento de que o castro foi vítima por aqueles que ali foram buscar pedras e pelos pesquisadores de tesouros. Recorde-se que actualmente só são patentes 4 casas e que há 30 anos atrás existiram muitas mais como já referimos.

A escassez não é tão facilmente explicada pelo remeximento do terreno, se bem que este para tal possa também ter concorrido.

Apenas um vaso, do qual se reproduz um fragmento no desenho *f* da fig. 6, era ornamentado por um cordão ou saliente que corria, em redondo, ao longo do bojo.

Toda a restante cerâmica é lisa, sem qualquer enfeite em relevo, gravado ou estampado. Toda é mais ou menos micácea e de cor predominante escura. A pasta é algum tanto grosseira, por vezes, nos pedaços mais espessos, granosa.

Só dois pequenos fragmentos são de pasta fina e foram brunidos ou gogados na face externa. Estes fragmentos têm 4 mm de espessura e mostram pequeninas palhetas de mica.

A maior parte dos fragmentos têm espessuras que oscilam entre 5 e 8 mm. O máximo de espessura é de 14 mm, observado

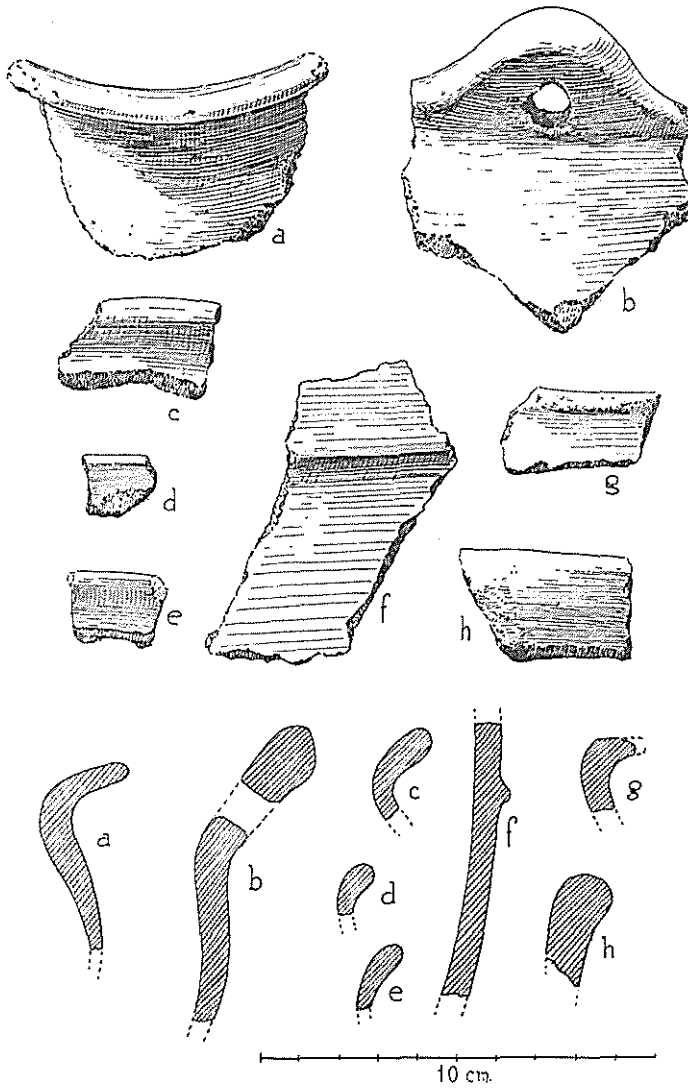


Fig. 6 — Cerâmica grosseira e micácea muito fragmentada. Toda a cerâmica até à data aparecida é lisa menos o vaso do desenho *f*, desta figura, ornamentado com um saliente. Deste vaso, que era grande, apareceram mais quatro fragmentos que não ajustam.

em 2 fragmentos: um deles pequeno; o outro é o maior dos até agora recolhidos, pois tem 16 cm \times 9 cm e deve ser uma porção do fundo chato dum vaso de razoáveis dimensões.

Alguns fragmentos mostram diferença de cor nas duas faces, o que deve estar em relação com o diferente grau de cozedura das faces externa e interna das respectivas peças.

Escórias: — Apareceram, em vários sítios, bocados de escórias, uns maiores outros mais pequenos. Dois deles, com 7 ou 8 cm de comprimento, apareceram na casa n.º 1. Os outros apareceram junto desta casa e, sobretudo, na base da muralha da vertente leste.

Como já atrás referi, apareceram 2 fragmentos de hematite e um cristal de pirite de ferro.

Carvão: — Dentro da casa n.º 1, fora desta e um pouco por toda a parte apareceu carvão. Este parece ter sido feito de torgo.

CONCLUSÕES

O couto dos mouros de Carvalhelhos é um pequenino castro quase circular, com uma notável linha de defesas. Além da muralha que é só uma do lado sudoeste, dupla do noroeste e pelo menos quádrupla na vertente do lado nascente (é tradição que ali havia 7 muralhas), há os 3 fossos que referimos e as pedras fincadas de que, felizmente, ainda ficaram alguns restos. Estes levam-nos a supor que a sua bordadura se fazia numa faixa dos seus 10 metros de largura, por fora do fosso exterior.

São especialmente notáveis as rampas de acesso à muralha interior.

O esconderijo, de onde foram retirados nada menos de

200 quilos de minério de estanho, deve ter fornecido abundante material cerâmico e metálico que infelizmente se perdeu.

Tem sido pouco abundante o material colhido nas escavações.

Pelos escassos materiais de que se dispõe pouco se pode dizer.

Como até à data não apareceu o menor fragmento de «tégula» ou de «ímbrex», é lícito admitir que o castro não tenha sido romanizado ou o foi pouco acentuadamente.

A escassez de referências a achados de objectos de ferro é outro ponto a acentuar.

É possível que o castro tenha sido abandonado gradualmente. No entanto, o esconderijo de estanho leva a crer que aquele tesouro tivesse sido escondido no propósito de ser reavido.

Que circunstâncias teriam condicionado o seu esquecimento?

Pelas condições em que o achado é referido, não há dúvida de que tudo aquilo foi propositadamente enterrado na cova ou esconderijo.

Em casos tais é lícito supor que o possuidor morreu sem deixar indicações a descendentes ou herdeiros.

No caso do lote de 200 quilos de minério de estanho do castro de Carvalhelhos não é de admitir que fosse facilmente esquecida ou perdida uma tal quantidade de estanho, quando este metal ainda tinha categoria de grande valor ⁽¹⁾.

(1) A cassiterite é um valioso minério de estanho que, na antiguidade, teve uma importância extraordinária para o fabrico de objectos de bronze. Historiadores e geógrafos da antiguidade, Ptolomeu e outros, referem-se às Ilhas Cassitérides (*In Occidentali Oceano Cassiterides insulae decem, quarum pars media sita est 4° 45' 30"*, II, 6, 73) sobre as quais muito se tem escrito.

Sobre a situação geográfica das Cassitérides o distinto arqueólogo espanhol Dr. Luís Monteagudo escreveu o trabalho *Localização das Cassitérides e*

Embora o enterramento de tal conjunto pudesse, sem dúvida ter sido feito por uma só pessoa, não é provável que o tenha sido. Não só pelos materiais acumulados, — «muitos cacos e alguns púcaros», muito carvão, muitos cossoiros, pregos de ferro e algumas peças de metal» — mas, e sobretudo, pela grande quantidade de estanho ali enterrado e escondido, pode, sem esforço, admitir-se que aquele conjunto fosse, digamos, um bem colectivo e do seu escondimento terem sabido, se não todos, muitos castrejos, homens e mulheres.

Sendo assim, há que pôr a hipótese de os habitantes terem abandonado o castro à uma, quer por fuga colectiva (suposição pouco provável, dado o espírito aguerrido dos seus habitantes) quer por imposição do vencedor que, como era de norma, tomava os vencidos como escravos.

Não voltou nenhum dos que sabiam da existência e localização do esconderijo do estanho.

Que grande tragédia pode indicar este achado!

A aproximação do inimigo, o estanho, e tudo o mais, foi posto a bom recato na cova aberta no granito e tudo coberto com terra

Oestrymnides publicado na «Revista de Guimarães», vol. LXVII, n.ºs 3-4, Julho-Dezembro 1957, Barcelos, 1957, págs. 372 a 416 e 2 mapas.

Na pág. 372, logo de entrada, o A. diz que as Cassitérides eram para os gregos, púnicos e romanos, as ilhas do estanho, «das quais extraíam essa matéria-prima de transcendente importância para o fabrico do seu armamento e utensílios».

Este trabalho do Dr. Monteagudo, foi também publicado na revista madriena «Emérita», vol. XXV, Madrid, 1957, págs. 14-32.

Dado o interesse do assunto, o ilustre arqueólogo e director da «Revista de Guimarães», Coronel Mário Cardoso, não hesitou, e muito bem, em reproduzir em português este trabalho, «elaborado com inexecdível método e segurança crítica, e baseado numa sólida erudição e cultura científica».

e pedras. Derrotados os castrejos, foram levados como escravos. Nenhum teria sobrevivido para voltar e reaver o tesouro.

Pode bem ser que assim tenha sucedido.

*

* *

A topografia natural e os entrincheiramentos artificiais tornavam difícil o acesso dos assaltantes ao castro.

A falta de paz, e, conseqüentemente, de segurança de pessoas e bens, que os textos dos velhos autores gregos e romanos testemunham existir na Lusitânia pré-romana, reclamava a existência desses redutos defensivos de que o nosso pequenino castro constitui um notável exemplo.

Pela sua situação, pelo seu sistema de entrincheiramento defensivo, e pela importância do esconderijo de estanho, infelizmente desaparecido há anos, o castro de Carvalhelhos tem uma certa importância arqueológica que lhe mereceu a classificação de imóvel de interesse público (Decreto n.º 38.941 de 6 de Novembro de 1951).

Bem é pois que as explorações sejam continuadas para, em justo critério de arrumo das velhas pedras derruídas, se repor o castro, tanto quanto possível, na sua feição primitiva, sem lhe tirar o ar de velhas ruínas. Seria estulto orientar as escavações de modo a dar a impressão de que, com elas, se pretendia «fazer um castro, de novo».

*

* *

As sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base

extreme em que entroncou, sólida e firme, a nacionalidade portuguesa.

Nos castros implantam-se as velhas raízes da nossa nacionalidade.

E assim, estudar os castros e a cultura castreja é fazer nacionalismo, do mais puro, do mais são.

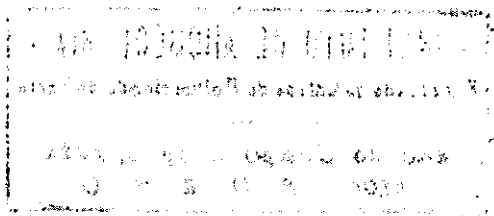




Fig. 7 — Perfil do castro visto de leste. As setas *A* e *A'* indicam dois fossos. À direita do alinhamento de *A'* a copa da árvore encobre o saliente da muralha. *B* indica o penedo conhecido pelo nome de *cavalo dos mouros*. Para cá deste penedo, as manchas brancas mostram as pedras de cantaria arrancadas da pedra que durante alguns meses ali foi explorada.

1811000 1811000 1811000 1811000 1811000

Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1974

Ano do Curso História, 1974

*500 7 0 5 7 0

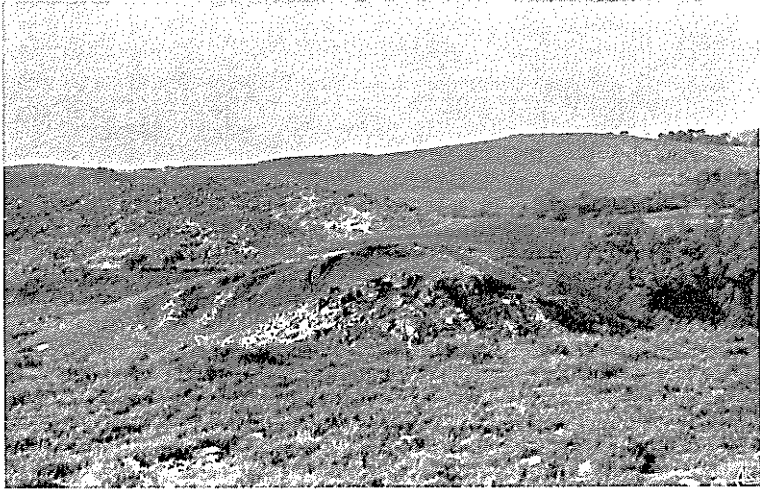


Fig. 8 — O castro visto do alto da encosta do Coriçal. Vêem-se nitidamente, à esquerda, os 3 fossos, o arqueado da muralha e a mancha branca da pedraira.



Fig. 9 — Penedo que fica no extremo do recinto castrejo e é conhecido pelo nome de *cavalo dos mouros*. Tem várias caldeiras de gigante.

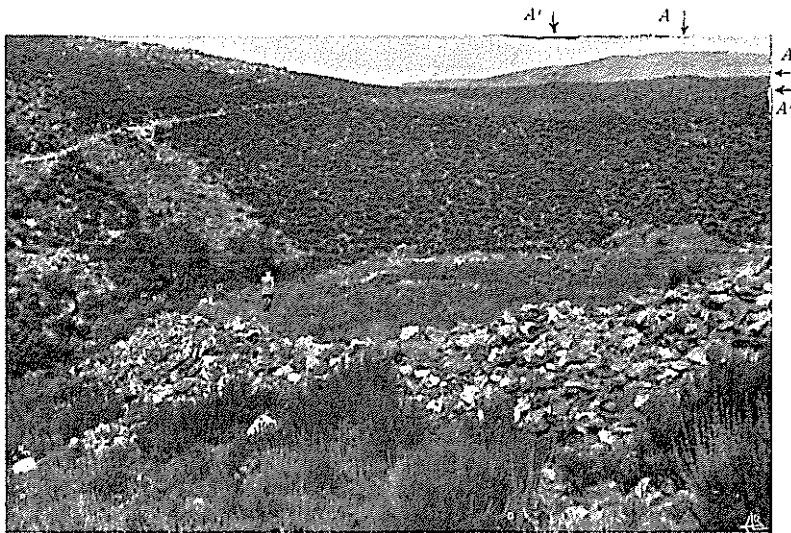


Fig. 10 — Aspecto do castro aquando da primeira visita, *A* e *A'* indicam as mamoas na crista da encosta do Coriçal.



Fig. 11 — O alinhamento da muralha esbarrulhada tinha neste ponto mais de 6 m de largura. Na foto o saudoso Prof. Rui Teles Palhinha que quis ir, comigo, ver o castro.



Fig. 12 — Isolamento da casa n.º 2. À esquerda, e por trás do Arq.º Sequeira Braga, fica a muralha com mais de 2 m de altura.

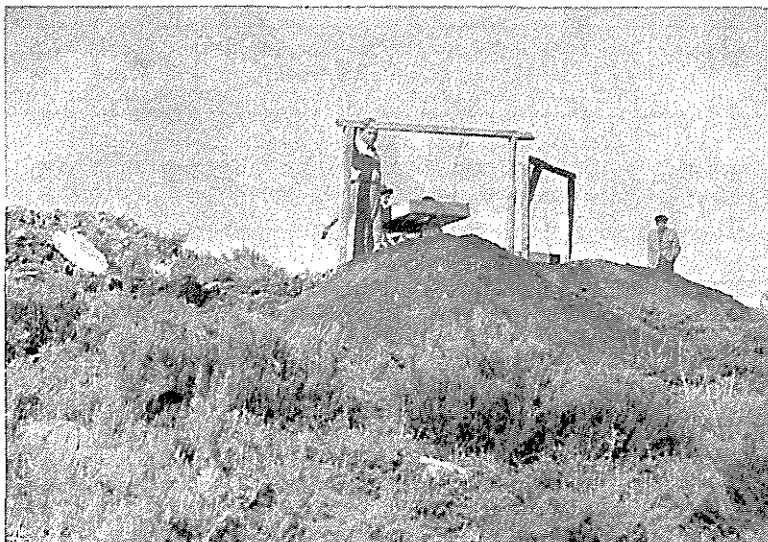


Fig. 13 — Cirandas que serviram para crivar a terra das escavações, na campanha de 1951.

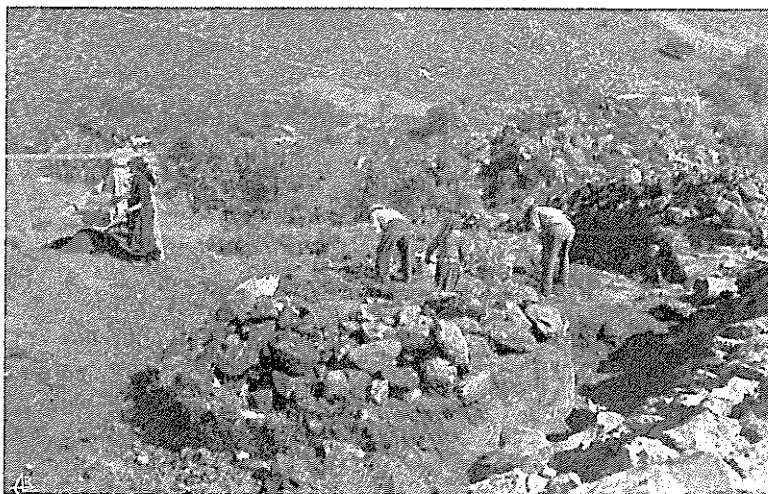


Fig. 14 — Isolamento da casa n.º 1 junto da muralha, que se vê à direita, arqueada. À esquerda uma ciranda crivando a terra.

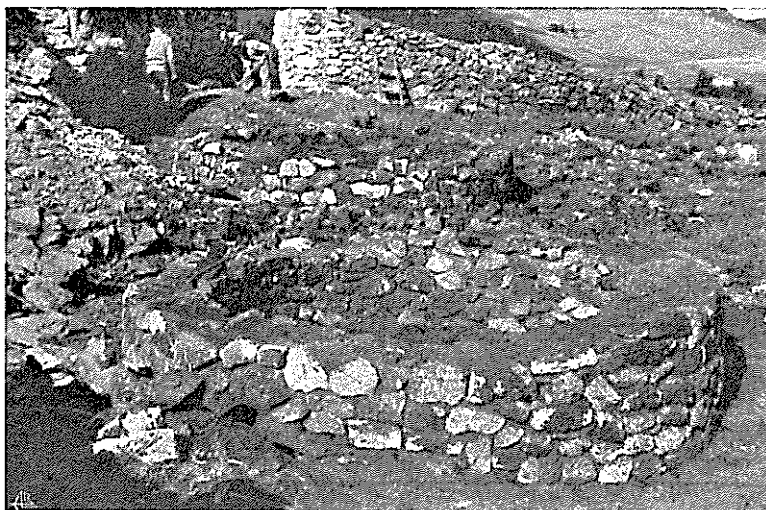


Fig. 15 — Casas circulares. No 1.º plano a casa n.º 1; entre esta e os trabalhadores a casa n.º 2; para lá destes a porta do castro.



Fig. 16 — Descoberta da passagem estreita aberta na muralha exterior. O cunhal desta onde está sentado o rapaz tinha 80 cm de altura.



Fig. 17 — Outro aspecto da passagem estreita da figura anterior. A largura do lado de dentro, onde se vê acorçado o Arq.^o Sequeira Braga, é um pouco menor do que do lado de fora, o que dá à passagem algo de afunilado.

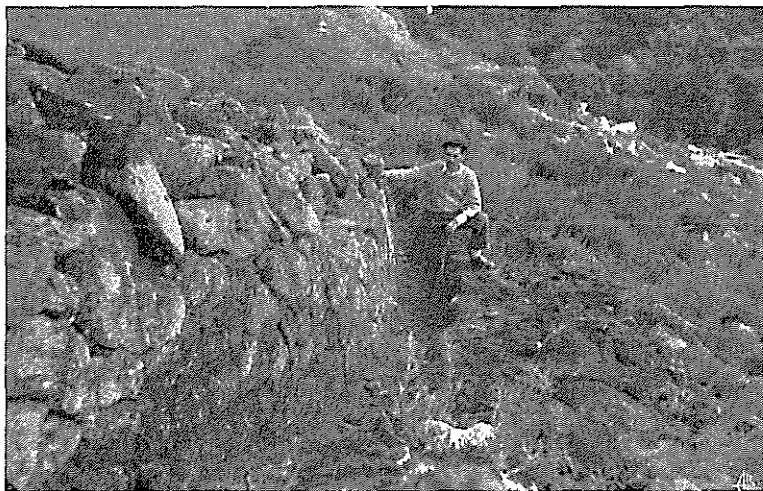


Fig. 18 — Trecho da muralha, na encosta voltada a leste. Junto do Arq.º Sequeira Braga pode ver-se o descaimento para dentro desta porção íntegra da muralha.

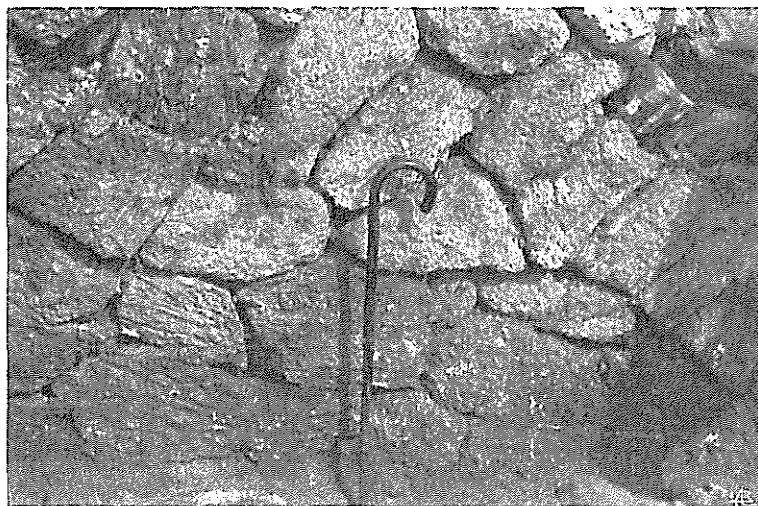


Fig. 19 — Pormenor da figura anterior, mostrando o tipo de construção com pedras de granito (*opus incertum*).



Fig. 20 — Reposição das pedras caídas junto da muralha. No 1.º plano, e a meio desta fotografia, nota-se o encurvamento da muralha que ali mete a quarta rampa do alinhamento do noroeste.



Fig. 21 — Muralha do alinhamento do noroeste. No alto, à esquerda, nota-se a porta de entrada no recinto castrejo.



Fig. 22 — Aspecto da porção cimeira da muralha do alinhamento do noroeste.
À direita vê-se a passagem da muralha exterior.



Fig. 23 — À esquerda porção da muralha exterior feita de xisto. À direita muralha de granito do topo arredondado ou cubelo, junto da porta do castro. Ver fig. 3.



Fig. 24 — Rampas de acesso à muralha no alinhamento de noroeste.



Fig. 25 — As duas primeiras rampas das quatro existentes no alinhamento de noroeste.



Fig. 26 — Grupo de pedras fincadas no rebordo do fosso exterior.

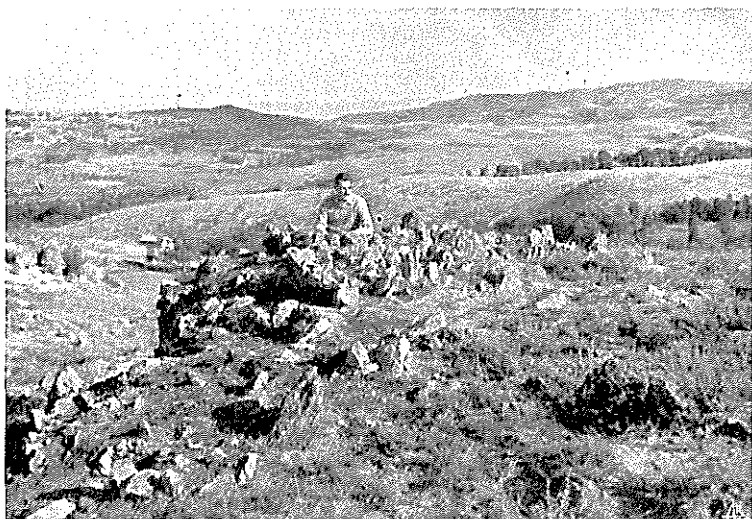


Fig. 27 — Outro grupo de pedras fincadas, também no rebordo do fosso exterior.



Fig. 28 — Aspecto do grupo de pedras fincadas mais bem conservado.

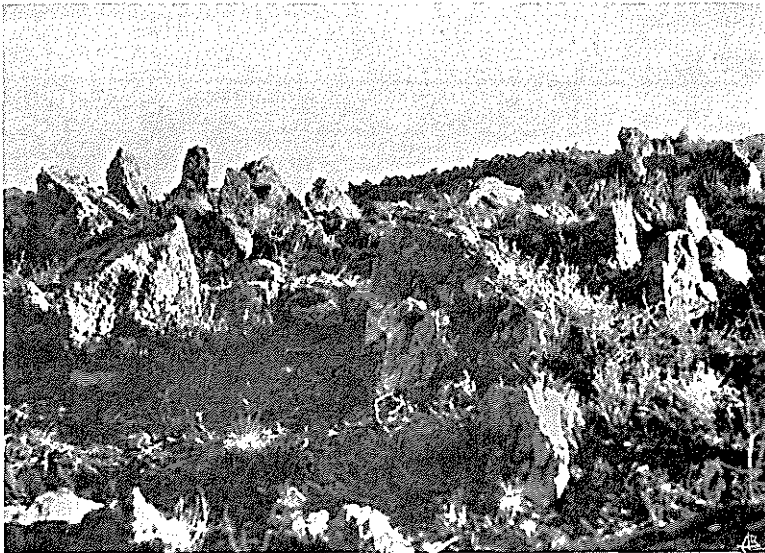


Fig. 29 — Pormenor das pedras fincadas, da figura anterior.